

OFICINAS DE TRABALHO – SOCIABILIDADE OU GERAÇÃO DE RENDA?*

LABOR WORKSHOP – SOCIABILITY OR INCOME?

Fátima Corrêa Oliver⁽¹⁾, Maria Cristina Tissi⁽²⁾, Marta Aoki⁽³⁾,
Ester de Fátima Vargem⁽⁴⁾, Taísa Gomes Ferreira⁽⁵⁾

OLIVER, F. C.; TISSI, M. C.; AOKI, M.; VARGEM, E. F.; TAÍSA, G. F. Oficinas de trabalho – sociabilidade ou geração de renda? *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, v. 13, n. 3, p. 86-94, set./dez. 2002.

RESUMO: São apontadas questões acerca da participação de pessoas com ou sem deficiências ou transtornos psíquicos, em oficinas de trabalho realizadas na comunidade onde residem. O estudo é parte integrante de pesquisa que analisou a constituição e a metodologia de intervenção em projeto de Reabilitação Baseada na Comunidade. Buscou-se compreender os significados atribuídos por membros de duas Oficinas de geração de renda à sua participação naquelas experiências, através da realização de entrevistas em grupo (grupos focais), e analisar condicionantes do contexto sociocultural na sua conformação. Constatou-se que as oficinas, organizadas com a finalidade de gerar renda para seus participantes, tiveram como principal resultado a ampliação de sua rede social, rompendo com o isolamento doméstico e gerando desdobramentos no âmbito da sociabilidade primária. No desenvolvimento dessas oficinas, aspectos importantes estão intimamente relacionados à história do território, às formas como moradores interpretam sua posição no sistema social, às idéias culturais sobre a deficiência e sobre o papel de assistidos. Em se tratando de grupos sociais, muitas vezes, excluídos do mundo do trabalho pela deficiência ou pela condição de inserção social, as propostas de geração de renda inscritas nas iniciativas de trabalho cooperativo apresentam-se como alternativas que aliam possibilidades de extensão da rede social, de desenvolvimento pessoal e de garantia de recursos materiais. Os profissionais de saúde que atuam na interface assistência-geração de renda podem ser mediadores de interações grupais, da organização dos processos produtivos e das relações com o mercado, implicando a incorporação de outros saberes à sua prática (Fapesp processo nº 00/04743-8).

DESCRITORES: Terapia ocupacional/tendências. Apoio social. Trabalho. Readaptação ao emprego/tendências. Pessoas deficientes/reabilitação. Socialização. Oficinas de trabalho protegido/recursos humanos. Participação comunitária.

* Trabalho é parte da Pesquisa *Reabilitação baseada na Comunidade no Jardim D'Abril e Jardim do Lago - Estudo da Constituição e da Metodologia de Intervenção de 1998 a 2001*, realizada com apoio da FAPESP (processo nº 00/04743-8).

⁽¹⁾ Doutora em Saúde Pública. Docente do Curso de Terapia Ocupacional do Departamento de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional da FMUSP.

⁽²⁾ Mestre em Saúde Coletiva. Docente do Curso de Terapia Ocupacional da Universidade de Sorocaba, colaboradora do Curso de Terapia Ocupacional do Departamento de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional da FMUSP.

⁽³⁾ Terapeuta Ocupacional do Curso de Terapia Ocupacional do Departamento de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional da FMUSP.

⁽⁴⁾ Assistente Social. Colaboradora do Curso de Terapia Ocupacional do Departamento de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional da FMUSP.

⁽⁵⁾ Terapeuta Ocupacional. Colaboradora do Curso de Terapia Ocupacional do Departamento de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional da FMUSP e profissional do Lar Escola São Francisco – São Paulo.

Endereço para correspondência: Rua Cipotânea, 51. Cidade Universitária. São Paulo, SP, CEP: 05360-160. e-mail: fcoliver@usp.br; mctissi@ig.com.br; aoki@usp.br; taisaferreira@yahoo.com.br

Oficinas de trabalho – sociabilidade ou renda?

São apontadas questões acerca da participação de pessoas com ou sem deficiências ou transtornos mentais em Oficinas de trabalho – geração de renda - na comunidade onde residem. O estudo é parte integrante de pesquisa* que buscou analisar a constituição e a metodologia de intervenção em projeto de Reabilitação Baseada na Comunidade - RBC -, com a finalidade de contribuir para o delineamento de metodologias de trabalho territorial em reabilitação (OLIVER et al., 2002).

A investigação buscou analisar os significados atribuídos por membros de duas Oficinas de geração de renda à sua participação naquelas experiências e analisar condicionantes do contexto sociocultural na sua conformação. As Oficinas constituem-se em: **a) Oficina do Fazer**, formada por pessoas com e sem deficiências, seu trabalho desenvolve-se em torno da produção artesanal de brinquedos, utensílios e objetos decorativos em madeira. Foi implantada no âmbito do projeto de RBC, a partir de demanda apresentada pelos portadores de deficiência e seus familiares e de discussões com a comunidade participante. É apoiada por técnicos** do projeto e da Unidade Básica de Saúde e por instrutor de marcenaria, e realizada em associação formada por moradores***; **b) Oficina de Costura**, formada por mulheres, não portadoras de deficiências, que se reúnem em torno de produção e consertos de roupas. Não vinha sendo apoiada, no momento da pesquisa, por instrutores formais ou por técnicos, ainda que em ocasiões anteriores tenha recebido acompanhamento tanto por parte do projeto de RBC, quanto por profissionais da Unidade Básica de Saúde local****.

Alguns eixos básicos que norteiam a metodologia de ação profissional no projeto de Reabilitação Baseada na Comunidade em questão são apresentados no intuito de possibilitar melhor compreensão dos processos estudados.

A inclusão das pessoas com deficiências nos equipamentos sociais e na vida comunitária, objetivos últimos da ação, têm sido trabalhados buscando

construir possibilidades para a realização de trocas sociais e para a produção de valores entre pessoas com deficiências, familiares e moradores em um território geograficamente delimitado. São focos do projeto as condições de vida em determinado contexto sociocultural e a intervenção no cotidiano vivido nos âmbitos familiar e da comunidade próxima, formada pela vizinhança e moradores que compartilham uma história e problemas locais, além de recursos sociais.

Compreende-se, portanto, que a comunidade é componente do processo de reabilitação, portadora de *idéias culturais* a respeito da deficiência que irão conformar, em parte, as possibilidades e as formas daqueles atores de experimentar a vida comunitária. Nesse sentido, buscou-se, no desenvolvimento do projeto, estimular a participação da comunidade local na identificação de necessidades individuais e coletivas das pessoas com deficiências, assim como na proposição de alternativas que pudessem transformar sua condição de exclusão. Fez-se essencial, ainda, propor e fomentar espaços que promovessem a convivência entre pessoas com e sem deficiências, para que pudessem constituir oportunidades para romper com o isolamento doméstico em que se encontravam, mas, também, para que se tornasse possível a mudança de idéias e práticas com relação à deficiência. Isso se processou por meio de contatos significativos entre pessoas com e sem deficiências, no sentido de tornar possível a constituição de *outros significativos*, ou o reconhecimento de subjetividades, possibilitado através de relações interpessoais*****.

As formas de sociabilidade no território e em relação às pessoas com deficiência têm sido alvos e instrumentos de intervenção no projeto; por conseguinte, são elementos fundamentais para o reconhecimento, por parte dos técnicos, do contexto sociocultural em questão. Aspectos importantes do desenvolvimento das Oficinas de geração de renda, como será observado, estão intimamente relacionados ao contexto sociocultural, desde elementos da história local (territorial) até aqueles que revelam formas como moradores interpretam sua posição no sistema social.

No âmbito do projeto de RBC, o trabalho é

* A pesquisa foi realizada no período de abril de 2001 a julho de 2002.

** Terapeutas Ocupacionais.

*** Na Oficina do Fazer as atividades acontecem em alguns períodos por semana, ora monitoradas pelos técnicos terapeutas ocupacionais, ora pelo instrutor de marcenaria. A aprendizagem das tarefas se dá simultaneamente à comercialização dos produtos, não havendo etapas preparatórias.

**** A Oficina de Costura está permanentemente em funcionamento, contudo as atividades não são realizadas com regularidade e a participação de mulheres é inconstante, não conformando um grupo estável.

***** Foi desta maneira que “os deficientes”, antes genericamente concebidos, passaram, gradativamente, a ter nomes e atributos próprios nos espaços de convivência. Então, como exemplos, a G. (portadora de deficiência auditiva) gasta muita água ao limpar a sede da Associação, o N. (portador de transtorno mental) gosta de conversar, o V. (portador de Síndrome de Down) realiza projetos muito criativos.

compreendido como forma de reconhecimento, participação social efetiva, maneira de sustentar-se, garantir a sobrevivência ou forma de auto-realização (SARACENO, 1999). Portanto, a inserção no trabalho deve cumprir a finalidade de ampliar a rede de sociabilidade primária, ao possibilitar estender as relações interpessoais e estabelecer novas formas de posicionamento no seu interior (através da atribuição de valores positivos e da constituição de relações horizontais de reciprocidade). Também deve ser cumprido o objetivo de gerar renda e propiciar relações em circuitos mais amplos. Na experiência da Oficina do Fazer é aspecto importante na sua constituição o fato de grande parte dos participantes terem sido encaminhados por serviços, seja por constituírem a população alvo do projeto de RBC, seja por demandarem a Unidade Básica de Saúde local ou outros serviços de saúde, com queixas relacionadas a sofrimento psíquico. Para vários participantes, inclusive, a Oficina tornou-se a única modalidade de assistência contínua recebida. Isso implicou em que a tarefa assistencial estivesse sempre presente para os técnicos, trazendo à luz uma série de contradições entre a assistência e a constituição de empreendimento voltado para geração de renda.

MATERIAL E MÉTODOS

O estudo inscreve-se no campo da pesquisa qualitativa tendo sido realizado através de entrevistas em grupo (grupos focais) em quatro sessões gravadas em cada Oficina, posteriormente transcritas, associadas às observações dos coordenadores e auxiliares pesquisadores, respeitando-se duração média de uma hora e meia a duas horas. Os encontros contaram com a presença de quatro a oito participantes*.

As entrevistas buscaram facilitar o diálogo entre os participantes e possibilitar a reflexão sobre a importância das Oficinas e sobre o desenvolvimento do trabalho do grupo. Também interessou recuperar a história da constituição de cada Oficina. Foram utilizadas atividades expressivas dinamizadoras para a discussão dos temas geradores dos encontros: a motivação pessoal para a participação, a rotina do grupo e o processo de trabalho, a compreensão que os membros da rede social primária (familiares, vizinhos e amigos) teriam sobre a participação de cada um nas Oficinas e as perspectivas para as mesmas no futuro próximo.

Participaram do grupo focal na Oficina do Fazer:

R., 22 anos, casada, moradora interessada em artesanato, reside com marido; C., 37 anos, casado, possui afasia de expressão como seqüela de Acidente Vascular Encefálico, ocorrido 4 anos antes, reside com esposa e filhos menores; E., 51 anos, solteiro, com tetraplegia há 12 anos em decorrência de acidente de trabalho, reside com mãe; Nt., 42 anos, solteiro, portador de transtorno mental, reside com mãe e dois irmãos; Ns., 36 anos, solteiro, também portador de transtorno mental, irmão de Nt., com quem reside; Ev., 43 anos, separado, possui hemiplegia em decorrência de Acidente Vascular Encefálico ocorrido há 7 anos, reside com pais e irmãos; En., 24 anos, solteiro, apresenta histórico de dificuldades de aprendizagem escolar, reside com mãe e irmãos.

No grupo focal da Oficina de Costura participaram: A., 54 anos, reside com 2 filhos jovens, atualmente é diretora geral da associação que sedia as Oficinas e é responsável pela manutenção da Oficina de Costura, exercendo informalmente o papel de instrutora; L., casada, 50 anos, irmã de A., reside com marido e filhos, está constantemente na Oficina; E. casada, 53 anos, reside com familiares, contribui de maneira geral com os trabalhos da associação e, às vezes, dedica-se à costura; T., 41 anos, casada, mãe de 8 filhos, frequenta esporadicamente a Oficina; S., casada, 45 anos, irmã de A., frequenta esporadicamente a Oficina.

RESULTADOS

A identificação das Oficinas como espaços que propiciam ampliar a rede de relacionamentos interpessoais e romper com o isolamento doméstico são elementos comuns aos participantes tanto da Oficina do Fazer como da Costura.

Para as mulheres que participam da Oficina de Costura, mais comunicativas do que os membros da Oficina do Fazer, apresenta-se a possibilidade de ajuda mútua, sendo que formam uma rede de apoio, onde trocam informações, discutem problemas do cotidiano familiar, partilham vivências antes experimentadas de forma individualizada.

(...) eu estava numa depressão muito grave (...) E imagino... que nem eu, tem tantos ainda aqui no Jardim D'Abril ... que você possa escutar outra coisa... Fica lá dentro de casa lavando, passando, cozinhando, cuidando de filho e, ainda, escutando xingo de marido... (OLIVER et al., 2002, p.73).

* Complementarmente, foram realizadas observações da rotina de trabalho nas oficinas, que enfocaram o processo de trabalho, o ambiente físico, as atividades desenvolvidas e diálogos, interações e comportamentos estabelecidos entre os participantes.

Na Oficina do Fazer os participantes apontam vinculação positiva com colegas, técnicos e alunos*. A valorização da participação de alunos, em especial, é uma referência de relações com pessoas não moradoras do bairro, enriquecedora do universo de trocas afetivas, de mensagens e conhecimento, e que possibilita contato com diferentes modos de vida. Os participantes, portanto, valorizam as possibilidades de ampliação do seu universo cultural, que costuma ser bastante restrito em bairros caracterizados pela pouca inserção de seus moradores em redes mais amplas (circuitos) para além do próprio território e, particularmente, na situação de vida dos portadores de deficiência naquele contexto.

Para as pessoas com deficiências a Oficina representa, às vezes, a única oportunidade rotineira de participação na vida comunitária. *Primeiro dia que sai da prisão (...)*, é depoimento de participante que permanecia confinado e trancado em casa sem permissão dos familiares para sair e circular pelo bairro, representativo do isolamento vivido pelas pessoas com deficiências, como também, em menor grau, por outros moradores. Para vários participantes, a Oficina tornou-se referência para o cotidiano – *o dia-a-dia é quase todo lá*.

A necessidade de ajustes no cotidiano, principalmente nas rotinas domésticas, apresenta-se nos dois grupos, com mais vigor entre as participantes da Costura. Essas não conseguem, contudo, romper com o modelo domiciliar de realização de atividades, transpondo-o para o espaço de trabalho. Assumem o cuidado com pessoas que lá apresentam suas demandas e são assediadas pelos familiares durante as atividades. O funcionamento da Oficina guarda semelhanças, portanto, com o trabalho doméstico, suportando interrupções frequentes para andamento de outras tarefas e possibilitando maior flexibilidade no planejamento das atividades, no entanto, com comprometimento da produção de mercadorias.

Talvez porque a Oficina do Fazer tenha um processo de trabalho mais estruturado, torna-se mais fácil aos participantes desvincularem-se das responsabilidades com familiares e rotinas domésticas durante o período em que trabalham. Contudo, embora os portadores de deficiências afirmem que a Oficina é uma referência para seu cotidiano, pretendendo

inclusive ampliar o tempo a ela dedicado, a baixa rentabilidade do trabalho parece ser um fator que não favorece maiores investimentos de tempo por parte daqueles que não apresentam deficiências, ainda obrigados às tarefas domésticas ou buscando vincular-se ao mercado formal de trabalho**.

De qualquer forma, a inserção nas Oficinas, para todos, significou alterar rotinas cotidianas, redistribuindo tarefas domésticas entre os familiares ou desfazendo-se de alguns encargos nos cuidados com estes, o que é percebido positivamente, como reflexo de maior independência e emancipação. No caso das pessoas com deficiências significou assunção de responsabilidades vinculadas ao trabalho, pois estes já não desempenhavam obrigações no cotidiano doméstico ou em outros espaços***.

As participantes da Oficina de Costura compreendem que a função de gerar renda, antes atribuída somente ao marido, pode ser assumida pela mulher, o que amplia sua autonomia e altera sua posição e papéis na estrutura familiar. O trabalho desenvolvido próximo à residência compatibiliza a necessidade de gerar renda e o cuidado dos filhos. A participação naquele espaço contribui, ainda, para redimensionar seu papel na comunidade. Mostram uma compreensão complexa do processo de vida e responsabilidade pelos problemas do bairro, como por exemplo, as mortes violentas, percebendo que poderiam desempenhar um papel ativo na melhoria da qualidade de vida no território. Algumas das mulheres da Costura percebem sua presença na associação como uma forma de contribuir com a comunidade, na medida em que se dedicam a atender pessoas e sentem-se comprometidas com a resolução de problemas coletivos.

Para os portadores de deficiências, a participação na Oficina também confere uma nova relação com a comunidade, mas de outra dimensão. Oferece visibilidade à deficiência. Segundo relatam, ao circularem pelo bairro e ao estarem inseridos em uma atividade de trabalho, são reconhecidos como *produtivos* pelos membros da rede primária (extensiva à comunidade formada pelo território), em contraposição à imagem de *ociosidade*. Certamente, tem sido possível a formação de uma identidade social mais

* Alunos do 4º ano do Curso de Graduação em Terapia Ocupacional, que estagiam durante um semestre letivo no projeto RBC.

** Embora o processo de produção seja estruturado, depende em parte da ação do instrutor de marcenaria, o único habilitado a criar, serrar e montar os objetos em madeira, que depois recebem acabamento (lixamento e pintura decorativa), processos estes dos quais todos os membros participam. A baixa rentabilidade é resultado da dependência dos participantes de etapas da produção dominadas somente pelo instrutor e de processos de distribuição e comercialização precários, sendo a clientela predominantemente formada por pessoas que moram ou circulam no bairro. Sobre características semelhantes, ver Souza (2000), que realizou estudo do perfil de empreendimentos comunitários na cidade de São Paulo, constatando que a maior parte destes costuma atuar em mercados marginais.

*** Com exceção de C., que é responsável pelo cuidado dos filhos, enquanto a esposa trabalha.

positiva*. Também contribui para esse processo o fato de receberem renda pelo trabalho realizado, o que interfere positivamente nas relações familiares.

Na Oficina do Fazer a renda é, sem dúvida, elemento de grande importância, mantendo o grupo coeso em torno de expectativas de elevá-la. Sendo membros de famílias com baixa renda, portadores ou não de deficiências, ainda que os valores alcançados sejam baixos (devido aos problemas de organização do processo produtivo e de comercialização enfrentados) são importantes no atendimento de necessidades domésticas.

Na Oficina de Costura, por outro lado, não foi possível conhecer a renda obtida, já que o processo de trabalho não é estruturado, ou seja, é realizado praticamente de forma individualizada, sendo que apenas raramente há uma tarefa coletiva a cumprir, como nas ocasiões em que há encomendas de maior volume. Ao contrário da Oficina do Fazer, em que os participantes puderam discutir elementos centrais de todo e qualquer trabalho (como organização do processo, preparação das diferentes etapas de produção, participação de todos respeitando-se suas características e diferenças individuais, necessidade de melhorar a direção e coordenação das atividades, critérios de remuneração, formas de comercialização, criação de produtos), na Oficina de Costura não se observou coerência e clareza na compreensão e na explicitação da sua finalidade.

Isso se explica, em parte, pela oscilação, que se apresenta nos seus depoimentos, entre os papéis de trabalhador que produz em seu próprio benefício e aquele que, como membro diferenciado da comunidade, trabalha pelo bairro. A idéia de *fazer alguma coisa pelo bairro* é fortemente influenciada pela história daquela comunidade, marcada por práticas assistencialistas promovidas pela igreja católica e por outros grupos comunitários ancorados em lideranças centralizadoras, além de ações caritativas individuais realizadas por moradores de bairros vizinhos (com alto poder aquisitivo). Essas práticas caracterizaram-se pela dissociação entre assistidos e doadores onde, independente de existirem, necessariamente, diferenças profundas nas condições de vida entre os membros dessas duas categorias, ocupar a condição de doador certamente

conferia poder simbólico significativo sobre aqueles supostamente mais carentes. Estes, inclusive, eram isentos de contrapartida pelo que lhes era ofertado, permanecendo no lugar de assistidos, sem serem motivados a exercer um papel mais ativo na sua própria subsistência e emancipação.

Algumas das participantes da Costura, no passado, estiveram inseridas em projetos dessa ordem, como distribuição de sopa e confecção de roupas e uniformes escolares para doação.

Não sendo explicitadas, essas ambigüidades e incertezas quanto à legitimidade do trabalho em seu próprio benefício (ainda que desenvolvido num espaço comunitário, e não privado) contribuem para que a Oficina de Costura não se constitua como projeto com finalidade explícita de gerar renda, com regras claras de funcionamento e acesso. Desta forma, as participantes apresentam, nos discursos, certa rejeição à assunção daquele espaço para seu próprio benefício, sustentando que sua função é *ensinar e cuidar de outros* (o que, cabe lembrar, confere legitimidade e poder simbólico). Na prática, a necessidade financeira concreta e a percepção da viabilidade da Oficina para supri-la fazem com que o trabalho, enquanto relação de troca que envolve renda, seja realizado quase que de forma clandestina, sendo o espaço usado de forma particularizada por um pequeno número de mulheres, sem alcançar característica de coletivo**. Portanto, as dificuldades na organização do processo de trabalho seriam reflexos, ao menos em parte, de uma crise de legitimidade perante a comunidade.

Por outro lado, a atitude de apropriação individualizada dos recursos disponíveis na Oficina de Costura pode ser o resultado da conjugação entre necessidades básicas não satisfeitas e descrença no potencial da ação coletiva e de seus retornos materiais e simbólicos. A permanência de uma rede de solidariedade na esfera da sociabilidade primária, incluindo vizinhos e moradores da comunidade, que, por diversas ocasiões, pôde ser acionada para amparar quem estaria necessitado de proteção, também pode romper-se em situações de precariedade material e simbólica (em crescente progressão, como se observa localmente)***.

O papel de assistido ou beneficiário não pode ser

* A identidade social se constrói a partir das idéias culturais sobre o status social que ocupamos, sendo um componente do nosso autoconceito, ou seja, idéias e sentimentos que temos sobre nós mesmos (JOHNSON, 1997, p. 204).

** Isso pode explicar porque, nas oportunidades diversas em que as mulheres solicitaram a ajuda técnica dos profissionais, apresentavam resistências no dia-a-dia ao acompanhamento do trabalho na Oficina de Costura, como postergar acertos de contas, entre outras formas.

*** Redes envolvem relações de trocas, as quais implicam obrigações recíprocas e laços de ajuda mútua. *Nos países em desenvolvimento as redes são, com freqüência, a única possibilidade de ajuda com que as famílias carentes podem contar, além de serem o único suporte para aliviar as cargas da vida cotidiana* (ANDRADE; VAITSMAN, 2002, p. 927). A rede de apoio representada pela comunidade, que tem efeitos benéficos na manutenção da participação na vida comunitária, costuma romper-se em situações críticas ligadas à saúde, como nos surtos psicóticos, em que na falta de apoio sanitário satisfatório os moradores não conseguem impedir seu desfecho em internações. Contudo, são vários os participantes que diminuíram dependência em relação a medicamentos psiquiátricos e reduziram ou mesmo cessaram internações psiquiátricas.

descartado como um elemento que, aliado a outros, condiciona os membros da Oficina do Fazer a ocupar certa posição, caracterizada pela baixa participação na gestão e na assunção de responsabilidades tanto em relação ao trabalho como frente à associação. Os fatores que determinam a baixa produtividade da Oficina do Fazer são identificados pelos membros do grupo e são responsabilidades que atribuem aos técnicos e instrutor. Depositam nos agentes externos a tarefa de *fazer aparecer serviço* (na forma de encomendas ou de produtos para serem concluídos), ainda que reconheçam a necessidade de virem alcançar maior autonomia. A figura de um líder, aos moldes do trabalho assalariado, *um chefe para ficar em cima, delegar trabalho*, permanece presente.

As mulheres da Costura, da mesma forma, depositam no exterior, e não em si próprias, as dificuldades que encontram para constituírem um grupo de geração de renda. Nesse caso, a expectativa é que *alguém* financiasse o material necessário, em conformidade com a lógica e o circuito da assistência já perpetrado.

Também a falta de referências locais bem sucedidas parece exercer uma força des-potencializadora. O bairro é caracterizado pela existência de problemas sociais graves e comuns a outras localidades periféricas da cidade de São Paulo e por fraca organização popular, inexistindo movimentos ou ações coletivas mais sólidas para enfrentar as dificuldades*. Por meio da televisão, conhecem experiências bem sucedidas de cooperativas comunitárias realizadas em outros locais, o que não parece ser suficiente para que reconheçam sua própria potencialidade. As referências de modalidades de empreendimentos comunitários de trabalho são empobrecidas pela ausência de sua experimentação no contexto imediato em que se encontram. Por outro lado, as experiências progressas são marcadas por tradições culturais que não se atualizaram no processo de desenraizamento cultural vivido pelos moradores ao se deslocarem de pequenos povoados rurais para o meio urbano, situação que predomina na formação do bairro e no seu desenvolvimento. A costura é uma atividade que foi valorizada em gerações passadas, permitindo às mulheres trabalhar em casa, contribuir com a renda familiar e diferenciarem-se, ao dominarem mais uma habilidade além das tarefas domésticas. As participantes da Oficina de Costura investem, pois, numa atividade

simbolicamente valorizada, como observado nesse relato – *gosto muito de mexer na máquina de costura. Não que eu saiba costurar, mas é... como você tem um fascínio pela coisa. Então, é o na...namorado, parece. Têm, contudo, dificuldades para compreender os mecanismos de mercado, que fazem com que seus produtos, artesanalmente confeccionados, não sejam competitivos.*

Há a acrescentar, neste cenário, o fato de as trajetórias ocupacionais dos participantes (nas duas Oficinas), quase sem exceções, terem sido marginais no mercado de trabalho (trabalho instável e de baixa qualificação)**. Percebem-se numa posição social desvalorizada, dada pela inserção de classe, que implica em desqualificação pessoal – *não sei ler, não sei falar* –, que pode ganhar outros contornos apenas no contexto do território, ao se reconhecerem diferenciados por sua atuação comunitária, como é o caso das participantes da Costura.

O que, aparentemente, parece ser uma postura de conformismo – resistem a projetar inscrições mais sólidas das Oficinas no mercado – pode ser, na realidade sinal de *enorme lucidez sobre sua situação social, e enorme clareza de que a esperança de uma melhoria significativa seja ilusão* (VALLA, 1998, p. 16). Para Valla (1998, p. 14), as *classes subalternas têm seu olhar principal voltado para o passado (lembrança da fome e das dificuldades de sobrevivência já enfrentadas); como consequência, a preocupação em prover o dia de hoje (provisão) estaria em conflito com a de previsão (olhar para o futuro).*

Outro aspecto a ser destacado refere-se ao relacionamento entre os participantes com as deficiências. Entendem que a Oficina do Fazer, entre outras finalidades, tem tarefa pedagógica, exercida pelo próprio grupo em relação a alguns, particularmente aqueles portadores de doença ou deficiência mental, que teriam *menor iniciativa*, sendo necessário *alguém tomar iniciativa por ele*. Em relação àqueles que apresentam limitações físicas ou psíquicas severas, não são apresentados conflitos que poderiam decorrer da desigualdade nos ritmos de produção, mas sim se destaca uma relação de tutela entre os participantes. Contudo, apesar do enfoque no desenvolvimento de potencialidades das pessoas com deficiências, persistiu uma visão mais tradicional, representada pelo instrutor e por alguns participantes, que diz respeito às concepções

* A capacidade de organização social em torno de melhorias para o bairro hoje é muito reduzida em relação ao passado. Há descrédito dos moradores quanto à disposição (ou vontade política) dos administradores públicos em investirem no bairro, assim como em relação a membros do legislativo e militantes de partidos políticos. A falta de motivação dos moradores para participar das raras iniciativas locais de organização popular, nos últimos anos, e o desprezo do poder público para com as suas reivindicações, tem sido motor para o enfraquecimento das lideranças comunitárias.

** Com exceção de alguns portadores de deficiências que viveram uma ruptura drástica na sua inscrição no trabalho, que era mais sólida, ao adquirir a deficiência.

acerca das deficiências e aos significados do trabalho e da Oficina do Fazer para pessoas com deficiências. De acordo com essa concepção não se projeta a possibilidade desses membros alcançarem maior autonomia no trabalho, havendo poucos investimentos na sua profissionalização e na aquisição de habilidades mais complexas, sendo que para o instrutor a *Oficina está funcionando como terapia... eles gostam de estar ali participando*. A renda gerada é interpretada como um complemento, como se as pessoas com deficiência não fossem portadoras das mesmas necessidades que outras. Os sentimentos de auto-valorização adquiridos pelos participantes, para o instrutor, não estariam relacionados ao fato de estarem trabalhando, mas ao fato de *estarem ali*: O depoimento - *V. sentia-se valorizado por estar ali [numa feira de artesanato] (...) explicando como é que fazia, conversando...* – pode indicar um processo de artificialização dos resultados do trabalho, ainda que as mercadorias produzidas sejam dotadas de criatividade e qualidade.

CONCLUSÕES

Foi constatado que as Oficinas de trabalho, organizadas com a finalidade de gerar renda para seus participantes, tiveram como principal papel ampliar a sua rede social, rompendo com o isolamento doméstico e gerando desdobramentos na auto-estima, na autonomia, na realização de trocas afetivas, de mensagens e de saberes e no redimensionamento do cotidiano e dos papéis na família e na comunidade, com ganhos significativos no campo da sociabilidade primária. Na Oficina do Fazer, isso pode ser derivado, em alguma medida, do perfil dos técnicos que atuam no seu acompanhamento, sua filiação à área da saúde e ao campo da reabilitação psicossocial, estando mais apropriados de tecnologias que servem à formação e ao desenvolvimento de grupos, à constituição de redes de solidariedade e apoio social*, elementos situados nesse campo. A tarefa de gerar renda, por outro lado, exige instrumentos ainda pouco sedimentados na prática dos profissionais da saúde e dos terapeutas ocupacionais, que seriam úteis para a inscrição dessas experiências no mercado (produção e distribuição), propiciando relações de trocas de outra dimensão.

O fato dos técnicos que acompanham o desenvolvimento da Oficina do Fazer conferirem ênfase

à sociabilidade primária, não significa diminuir a importância da inscrição dos participantes em uma unidade considerada de trabalho e que, portanto, estaria ou deveria buscar estar inserida num sistema de trocas do tipo econômicas, com conseqüente rentabilidade. Além de propulsionar a geração de renda, a inscrição no mercado amplia rede de trocas em um circuito mais amplo, mediado por instituições e organizações, levando à participação dos indivíduos em sistemas relacionais de outra ordem (no lugar de relações interpessoais dadas face-a face), constituindo outras formas de sociabilidade e de inclusão social. A sociabilidade secundária, para Castel (1998, p. 48), é *construída a partir da participação em grupos e supõe uma especialização das atividades e das mediações institucionais*.

Dessa maneira, valoriza-se o produto final (sua estética, qualidade, viabilidade de produção e de consumo) e os processos produtivos necessários para cumprir certo grau de exigência imposto pelo mercado de consumo. A inscrição de empreendimentos comunitários, como são as Oficinas, em redes de intercâmbio e ajuda mútua formadas por iniciativas similares *poderá lograr mais êxito e conferir viabilidade econômica aos projetos*, a exemplo do ocorrido no âmbito da economia solidária** (SOUZA, 2000, p. 258).

Cabe discutir como criar alternativas para geração de renda que aliem assistência e empreendimento para gerar renda, onde são incorporadas pessoas com incapacidades e baixo grau de autonomia, especialmente em áreas que carecem de recursos de saúde ou de qualquer outra ordem. O trabalho, como parte integrante e fundamental das modalidades assistenciais em reabilitação para jovens e adultos, pode ser um instrumento que alie possibilidades de extensão da rede social, de desenvolvimento pessoal (psicológico e físico) e de garantia de recursos para a própria sobrevivência ou de familiares. Em se tratando de grupos sociais, muitas vezes, excluídos do mundo do trabalho pela deficiência ou pela condição de inserção social, as propostas de geração de renda e trabalho poderiam inscrever-se nas iniciativas de trabalho cooperativo, entre pessoas com e sem deficiências, potencializando recursos existentes no território.

O fato das atividades realizadas serem constituídas por diferentes etapas, cada qual exigindo diferentes graus e tipos de habilidades, possibilitou que mesmo pessoas com incapacidades significativas pudessem estar

* O debate sobre a importância do apoio social (*social support*) no processo saúde-doença foi intenso na década de 80 nos Estados Unidos. No Brasil, autores, como Valla (1999), têm discutido o tema no contexto da participação social e comunitária como *fator significante na melhoria da confiança pessoal, da satisfação com a vida e da capacidade de enfrentar problemas*, além de sua atuação no *reforço do sistema de defesa do corpo* (p. 10).

** A economia solidária é criada e recriada periodicamente pelos que se encontram marginalizados do mercado de trabalho, unindo posse e uso dos meios de produção e distribuição com a socialização destes meios (SINGER, 2000, p.13).

envolvidas em sua execução. O ambiente cooperativo construído proporcionou, também, o engajamento de pessoas com pouca autonomia. Nesse sentido, a mediação de técnicos em experiências desta ordem pode ser fundamental para a construção de processos grupais cooperativos e para a criação de uma cultura de validação das pessoas com deficiências, facilitando interações grupais (maior participação, cooperação e comunicação) e apoiando a organização dos processos produtivos (autonomia, poder decisório e habilitação), assim como o estabelecimento de relações exteriores com o mercado.

Caminhar no sentido da auto-gestão e da emancipação, contudo, é um desafio, em especial, *para grupos [que] estão numa posição de fronteira entre ser um empreendimento de geração de renda, auto-sustentável, ou uma obra de assistência social, de promoção humana* (SOUZA, 2000, p. 255).

No desenvolvimento de projetos dessa natureza, realizados em comunidades territoriais, a exemplo da estudada, é fundamental, ainda, observar o contexto sociocultural e compreender os elementos que podem atravessar, às vezes, de forma imperceptível (especialmente para os técnicos), a sua conformação. Como exemplo, as ambigüidades, vivenciadas pelas mulheres da Oficina de Costura, colocadas pelo seu pertencimento àquela comunidade e ao próprio espaço da associação.

Além disso, cabe discutir como propostas voltadas para a geração de renda podem tornar-se viáveis em contextos onde as referências culturais acerca do trabalho empreendedor e as trajetórias ocupacionais progressas

são empobrecidas. Esses fatores aliados às dificuldades para elaborar projetos para o futuro têm repercussões sobre as possibilidades do grupo de projetar inscrições mais sólidas no mercado e alcançar produtividade compatível com ganhos que supram de forma significativa suas necessidades de renda.

As questões poderiam prosseguir na trilha dos debates em torno da reformulação das políticas sociais, da necessidade de se constituírem sobre outras bases, que invocam a *restaurar as redes de reciprocidade positiva, a reforçar solidariedades enfraquecidas* (ZALUAR, 1997, p. 21), a promover a *emancipação social*, como afirma Demo (2002, p. 267), no lugar do *assistencialismo e da estigmatização das populações marginalizadas como meros beneficiários*.

Por hora, vale lembrar que a *autogestão se contrapõe radicalmente à lógica do favor, da tutela, do voluntarismo e da filantropia* (SOUZA, 2000, p. 259), sendo necessário *passar da tutela bem intencionada para a efetiva auto-gestão* (SOUZA, 2000, p. 256). Isso pode não ser tarefa fácil no dia-a-dia do funcionamento e do acompanhamento de Oficinas comunitárias de trabalho, quando são escassos os recursos que poderiam agilizar ações e é preciso não perder oportunidades de negócios; quando, a autonomia dos participantes pode ainda ser insuficiente para, por exemplo, acompanhar o ritmo de produção necessário para cumprir encomendas de maior porte, ou estabelecer relacionamentos com outras instituições; situações diversas em que os técnicos são chamados a se anteciparem ao grupo.

OLIVER, F. C.; TISSI, M. C.; AOKI, M.; VARGEM, E. F.; TAÍSA, G. F. Labor Workshop – sociability or income? **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 13, n. 3, p. 86-94, set./dez. 2002.

ABSTRACT: Some questions are raised about the participation of disabled personnally ill person and other people in the labor workshops carried out in the community where they live. This paper is part of the research that analyzed the constitution and the methodology of intervention in a project of Rehabilitation Based on Community. It is an attempt to understand the meanings attributed by members of two workshops of income generation to their participation in those experiences, through the accomplishment of group interviews (focal groups) and analyzing the conditionings of the sociocultural context in its conformation. We found that the workshops, planned to help generate revenue to their participants, had as a main result the widening of their social net, breaking up their domestic isolation and affecting their primary sociability. In the development of these workshops, important aspects are deeply related to the history of the territory, to the ways that its inhabitants interpret their position in the social system, to the cultural ideas about disability and about their role as assisted people. To a social group many times excluded of the world of labor, due to the disability or to the condition of social insertion, the proposals of generation of income inscribed in the initiatives of cooperative work mean alternatives that ally possibilities of extension of their social net, of personal development and of providing income. The health professional that act in the interface care /attention – income generation might be mediators of group interactions, of the organization of productive processes and of the relations with the market, implying the incorporation of other knowledges to his or her practice.

KEYWORDS: Occupational therapy/trends. Social support.Work. Employment supported/trends. Disabled persons/rehabilitation. Socialization. Sheltered workshops/manpower. Consumer participation.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, G. R. B. de; VAITSMAN, J. Apoio social e redes: conectando solidariedade e saúde. **Ciênc. Saúde Coletiva**, v. 7, n. 4, p. 925-34, 2002.

CASTEL, R. **As metamorfoses da questão social**. Uma crônica do salário. Petrópolis: Vozes, 1998.

DEMO, P. **Solidariedade como efeito de poder**. São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire, 2002.

JOHNSON, A. G. **Dicionário de sociologia**: guia prático da linguagem sociológica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

OLIVER, F. C.; TISSI, M. C.; AOKI, M.; VARGEM, E. F.; FERREIRA, T.; PRADO, A. R. de A.; VAZ, D.; BELLINI, F. A. T. **Reabilitação baseada na comunidade no Jardim D’Abril e Jardim do Lago**. Volume I. Estudo da constituição e da metodologia de intervenção de 1998 a 2001. São Paulo, 2002. Relatório de pesquisa.

SARACENO, B. A reabilitação como cidadania. In: SARACENO, B. **Libertando identidades**: da reabilitação à cidadania possível. Rio de Janeiro: Instituto Franco Basaglia/ Te Corá, 1999. p.112-42.

SINGER, P. Economia solidária: um modo de produção e distribuição. In: SINGER, P.; SOUZA, A.R. de (Org.). **A economia solidária no Brasil**: a autogestão como resposta ao desemprego. São Paulo: Contexto, 2000. p.11-28.

SOUZA, A.R. de. Os empreendimentos comunitários de São Paulo. In: SINGER, P.; SOUZA, A.R. de (Org.). **A economia solidária no Brasil**: a autogestão como resposta ao desemprego. São Paulo: Contexto, 2000. p.245-86.

VALLA, V. V. Sobre participação popular: uma questão de perspectiva. **Cad. Saúde Pública**, v.14, supl. 2, p. 7-18, 1998.

VALLA, V. V. Educação popular, saúde comunitária e apoio social numa conjuntura de globalização. **Cad. Saúde Pública**, v. 15, supl. 2, p. 7-14, 1999.

ZALUAR, A. Exclusão e políticas públicas: dilemas teóricos e alternativas políticas. **Rev. Bras. Ci. Soc.** [online]. fev. 1997, v. 12, n. 35. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69091997000300003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 28 maio 2003.

Recebido para publicação: 19/06/2002

Aceito para publicação: 29/07/2002